

Representações do homem negro em *Contos negreiros*, de Marcelino Freire

Representations of the black man in *Slave stories*, by Marcelino Freire

*Marcos Túlio Pereira de Jesus**, *Flávio Pereira Camargo***

**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

***Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer um estudo acerca da representação do homem negro nos contos “Curso superior”, “Meu negro de estimação” e “Solar dos príncipes”, de Marcelino Freire. Na leitura desses contos, pretendemos evidenciar as distintas representações dos personagens masculinos negros, além de problematizar aspectos diversos referentes à objetificação do corpo negro, à identidade negra, ao racismo, ao preconceito e à discriminação em diferentes contextos sociais e culturais.

Palavras-chave: Identidade negra. Homem negro. Discriminação. Racismo. Marcelino Freire.

Abstract: This article has as its objective to make a study about the representation of the black man in the short stories “Curso superior”, “Meu negro de estimação” and “Solar dos príncipes”, by Marcelino Freire. Upon reading such short stories, we intend to emphasize the distinctive representations of black male characters, as well as to problematize different aspects regarding the objectification of the black body, the black identity, the racism, the prejudice and discrimination inside different social and cultural contexts.

Keywords: Black identity. Black man. Discrimination. Racism. Marcelino Freire.

Considerações iniciais

Marcelino Freire é um escritor pernambucano, nascido na cidade de Sertânia em 20 de março de 1967. Depois de adulto, muda-se para São Paulo e publica, de forma independente, seus primeiros dois livros. A oralidade é uma das características que mais se destacam nos livros de Marcelino Freire, provavelmente herdada da tradição musical que há no Nordeste brasileiro, o que faz recordar a literatura de cordel.

Sobre os temas desenvolvidos pelo escritor, há uma preferência pela morte, a violência, a homossexualidade, o racismo e a fome. Em relação ao cenário, as histórias se passam geralmente no submundo urbano, zona de exclusão, tomada pela violência e esquecida pelo resto da sociedade.

Por meio de sua escrita, Marcelino Freire busca representar a sociedade atual, principalmente aquela parcela que pertence às periferias dos centros urbanos e da zona que não desperta o interesse dos demais grupos sociais. Marcelino Freire procura representar aqueles a quem é negado o direito de se expressar, que não possuem voz, e, para isso, aborda temas diversos, os quais não são escutados, discutidos e aceitos pela sociedade.

Marcelino Freire se autodenomina escritor de uma literatura marginal. Esse termo é explorado por autores considerados marginais tanto na temática que desenvolvem, como também em suas origens sociais: são em sua maioria moradores da periferia, com experiência e convivência em um contexto de violência e desigualdades.

A literatura marginal tem como objetivo escancarar todas as injustiças, angústias e mazelas que existem dentro da sociedade. Injustiças que teimam em atacar e oprimir uma comunidade composta, em sua maioria, por pobres, negros, moradores da periferia. Marcelino Freire, por meio de suas personagens, além de denunciar as diversas realidades inaceitáveis, vem promover uma conscientização acerca dessa realidade, pois “Há na atual Literatura Marginal o declarado cuidado de denunciar os dismantelos da sociedade e promover a conscientização dos direitos sociais que deveriam atender a todos” (FERRAZ, 2009, p. 32).

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo fazer um estudo acerca da representação do homem negro no Brasil, ou seja, dos afrodescendentes brasileiros do sexo masculino que vivem em uma posição de marginalização dentro da sociedade, vistos como um ser sem valor, inferior ao homem branco, simplesmente por terem um tom de pele diferente, às vezes comparados até mesmo a um objeto ou animal, como podemos verificar nos contos selecionados como *corpus* literário: “Curso superior”, “Meu negro de estimação” e “Solar dos príncipes”.

Na leitura desses contos, pretendemos evidenciar as distintas representações dos

personagens masculinos negros, além de problematizar aspectos diversos referentes à objetificação do corpo negro, à identidade negra, ao racismo, ao preconceito e à discriminação em diferentes contextos sociais e culturais.

Para alcançar nossos objetivos, faremos a leitura dos contos a partir de Carlos Hasenbalg (1979), o qual destaca que um dos fatores de desigualdades entre os negros e os brancos se encontra na distribuição geográfica, com os afro-brasileiros concentrados nas regiões menos desenvolvidas, Norte e Nordeste, enquanto os brancos se concentram nas regiões mais desenvolvidas, Sul e Sudeste. Também nos apoiaremos em David Brookshaw (1983), que diz que os escritores brasileiros encontravam certa dificuldade para dar voz e visibilidade aos negros na literatura brasileira, os representando sempre como seres horrendos. Usaremos Peggy A. Lovell (1992), o qual defende que a herança escravocrata ainda persiste nas relações sociais no Brasil nos dias de hoje, tendo como consequência um tratamento desigual para os negros, deixando-os sempre à margem da sociedade. E por fim, Conceição Evaristo (2009), a qual diz que a literatura brasileira ainda se prende a um passado escravocrata, período em que a mulher negra era vista apenas como um corpo que servia para o trabalho, para a procriação de outros corpos para também serem escravizados, ou mesmo como corpo-objeto para satisfazer o seu senhor.

1 Breves reflexões sobre o corpo negro masculino na cultura e na literatura brasileiras

Sabemos que a identidade do homem negro no Brasil foi construída há um bom tempo, desde a chegada dos primeiros colonizadores, período em que os negros, vindos do continente africano, eram vistos como inferiores, como objetos de troca e de venda. Época em que se iniciou uma construção de uma identidade negra inferiorizada, subalterna, escravizada pelos europeus que chegaram, à época, se sentindo os donos da terra e desses negros que eram retirados à força de sua terra natal.

Desde esse período, o negro, vindo forçado da África, a fim de ser utilizado como mão de obra pelo branco, teve o seu lugar de fala negado, algo que vem se repetindo desde os tempos do Brasil colônia e que até hoje tem suas consequências. Um passado que ainda prevalece forte sobre homens negros, mulheres negras e sobre a maior parte da população brasileira, composta por afrodescendentes.

Como herança desse período, o homem negro ainda é visto, nos dias de hoje, apenas como um corpo, um objeto, algo para satisfazer o outro, seja no sentido laboral ou sexual. Existe uma hipersexualização, uma idealização de que todo negro é bom de cama, selvagem e viril, estereótipo que tem acompanhado o ideal da masculinidade do homem

negro. Já que o homem negro não é visto como o padrão de beleza, de racionalidade e nem o padrão de homem de família, resta-lhe somente esse estereótipo, como bom de cama, como um objeto para satisfazer o prazer do outro, geralmente uma pessoa branca.

De acordo com Túlio Custódio (2017), sociólogo e membro do coletivo Sistema Negro, ao se falar sobre a masculinidade negra no Brasil, precisamos pensar conjuntamente em gênero, raça e classe, já que todas as relações de poder servem para influenciar na construção da identidade. Para Custódio, o “bom homem negro”, para ser definido como tal, precisa se comportar como o homem branco, como se a masculinidade deste fosse o ideal a ser seguido. Dessa forma, estaria resgatando, no homem negro, o estereótipo de homem trabalhador, provedor, com poder de consumo. Custódio cita como exemplo a situação da maioria dos jogadores de futebol negros, que ostentam o poder de consumo e escolhem parceiras brancas, atitudes que poderiam aumentar o status desses homens.

Em relação a essas escolhas, ou seja, casamentos inter-raciais, Edward Telles (2003) diz que o cônjuge negro geralmente tem uma condição financeira superior ao branco. Para o autor, é como se o estigma da cor da pele fosse compensado ou amenizado com a condição financeira. Porém, esses homens negros que estão em relações inter-raciais às vezes precisam abrir mão de elementos que fazem parte de sua identidade, já que esses relacionamentos são vistos dentro da sociedade como marcas de ascensão social.

Ao se relacionar com uma parceira branca, esse homem negro, que pode ser, como já foi citado, um jogador de futebol ou até mesmo um cantor ou um famoso da TV, toma como referencial o comportamento do homem branco, vendo-se, aparentemente, livre de sua identidade negra. Dessa maneira, esse homem tende a se afastar de elementos que pertencem a essa identidade negra, como sua história, cultura, família e amigos (SOUZA, 1983).

Esse homem negro, por meio desses comportamentos tidos como ideais e impostos pela sociedade, vê em sua parceira branca um modo de atingir esse ideal de branco, se afastando do mundo negro. Porém seu corpo, seu tom de pele, sempre vai fazê-lo lembrar de que ele não atinge o ideal de corpo, de beleza, exigido pela sociedade, o que pode deixá-lo frustrado, já que estará sempre preso em si mesmo.

Em um artigo escrito por Daniel dos Santos (2017), intitulado “Na cama com o super negro: masculinidades, estéticas, mitos e estereótipos sexuais do homem negro”, o autor comenta sobre a objetificação do corpo negro e a relação com o passado escravocrata no país, período em que o negro era avaliado a partir dos dotes físicos e da força, tudo isso para garantir que daria conta dos trabalhos pesados que era forçado a realizar. Também havia os negros que tinham como função gerar filhos com as escravas e, para isso, eles eram escolhidos pelo porte físico, pelo vigor, garantindo, assim, futuros escravos fortes, saudáveis e bons para o trabalho pesado nas lavouras.

O olhar para o corpo negro masculino no Brasil foi construído ao longo dos séculos como sendo o corpo para servir o outro, ou seja, o branco dominante. Sendo assim, o corpo negro masculino era visto e ainda é nos dias de hoje, como um objeto, um corpo para o trabalho ou um corpo hipersexualizado. Dessa maneira, esse corpo se fragmenta em pele; marcas corporais da raça; os músculos ou a força física; e o sexo, como símbolo da sensualidade que o negro representa, conduzindo, assim, ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.

Mesmo após a abolição da escravatura no Brasil, não houve muitas mudanças para esse homem negro, que ainda continua à margem da sociedade, numa espécie de invisibilidade que foi construída pelo homem branco desde o período escravocrata. Ainda há a não aceitação de sua cor e de sua permanência na sociedade. Tudo isso pode ser visto no dia a dia, sem falar nos estudos que comprovam a existência dessas injustiças.

De acordo com os dados do *Atlas da violência* (Ipea; FBSP, 2016), entre os anos de 2004 e 2014, a taxa de homicídio aumentou entre os afrodescendentes (18,2%), enquanto houve uma diminuição nos homicídios de outros indivíduos que não eram de cor preta ou parda (14,6%). Ainda de acordo com a pesquisa, em 2014, para cada pessoa não negra assassinada, morriam 2,4 indivíduos negros. De acordo com George Reid Andrews (2016) e Carlos Alfredo Hasenbalg (1979), a população preta e parda é a que mais morre por homicídio na região Nordeste.

Em relação à discriminação no mercado de trabalho, uma pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2003) mostra que os negros recebem, em geral, rendimentos bem menores do que os homens brancos. Na região metropolitana de São Paulo, os homens negros ganham em média o equivalente a 53,7% do que os homens brancos recebem. Verifica-se que esse percentual é semelhante em outras regiões metropolitanas: em Salvador, por exemplo, é de 47,5%.

Todas essas desigualdades sociais e de renda entre brancos e negros são interpretadas de duas maneiras por Lovell (1992) e Wood e Carvalho (1994). A primeira nos faz lembrar da herança escravocrata que ainda está presente nas relações sociais no Brasil, tendo como resultado um tratamento desigual para os negros, o que o deixa sempre à margem da sociedade. A segunda interpretação diz respeito à discriminação dos mais pobres, considerando que a maioria dos pobres é parda e negra.

Antes da abolição do tráfico de escravos, a figura do negro na Literatura brasileira praticamente não existia. David Brookshaw (1983) vê essa ausência como algo espantoso, já que o negro tinha um desempenho diário nesse período, ou seja, o trabalho do negro era de extrema importância para a sociedade daquela época. Essa voz que era negada aos escravos na literatura brasileira provavelmente se deve ao fato de que os escritores brasileiros não consideravam o escravo como ser humano ou, então, de que esses escritores

dependiam das instituições escravocratas. Sendo assim, os escritores apoiavam os senhores de escravos, não podendo dar visibilidade aos negros na literatura.

Já após a abolição da escravatura, os escritores brasileiros se viram obrigados a voltarem a atenção aos escravos, principalmente pela maneira como eles eram tratados pela sociedade. Porém, nos textos literários dessa época, os escravos eram representados de forma negativa, desumana.

Para Brookshaw (1983), Castro Alves, mesmo sendo um dos escritores que mais se destacou em relação à causa do escravo no Brasil, encarava os negros como uma raça maldita, reproduzindo o mito europeu que considerava a África um continente esquecido pela civilização. Mesmo outros escritores abolicionistas, como Fagundes Varela, encontraram dificuldades para dar voz e visibilidade aos negros na literatura brasileira. O negro sempre era retratado ou como escravo imoral, como demônio ou ainda como um ser de uma enorme feiura.

Ao se iniciar a fase naturalista/realista (1881), o negro começa, com mais frequência, a ser representado na literatura brasileira, porém continua sendo retratado com estereótipos racistas e com um grande apelo à sua sensualidade. Essas duas tendências tinham como objetivo retratar o mundo real tal como era. Para isso, os autores dessa época observavam e registravam o que os cercavam. Porém, há uma diferença entre essas duas fases, a qual se dá pela forma como a realidade era retratada.

No romance naturalista, o homem, de modo geral, era visto como um animal instintivo, um produto do meio social em que vive. A trama se concentrava nas populações marginalizadas, e era utilizada uma linguagem mais objetiva e livre. Já no romance realista, o homem aparecia enfrentando os conflitos existenciais que permeiam a sua condição de vida. A trama não era, necessariamente, centrada nas margens da sociedade e a linguagem costumava ser mais requintada.

Os principais romances de escritores abolicionistas, tais como *Bom Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha; *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *O mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, tinham como mote o fato de que a companhia de homens negros não era apropriada, pois eles não sabiam controlar seus instintos animais, não possuíam moral e eram capazes de destruir a de quem tinha. Nesse caso, a moral dos brancos, e particularmente das mulheres brancas, consideradas como puras, inocentes e vítimas em potencial.

Segundo Conceição Evaristo (2009), há na literatura brasileira poucos personagens negros, se comparado com a quantidade de personagens brancos que exercem papéis de protagonistas. Para Cuti, iniciador dos *Cadernos Negros* e fundador do grupo *Quilombohoje* de São Paulo, a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de

invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI, 2002, p. 32). Em uma pesquisa feita por Regina Dalcastagnè, na qual foram analisados 258 romances brasileiros, comprova-se que “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 90).

Ainda de acordo com Conceição Evaristo (2009), essas duas constatações feitas por Cuti e Dalcastagnè podem ser comprovadas em diversos momentos da literatura brasileira que, juntamente com o discurso político, religioso, educacional, medicinal e outros, traz, em seu bojo, uma gama de estereótipos do negro.

Na literatura brasileira, a figura feminina negra não é apresentada como musa, heroína ou mãe. Há no discurso literário uma tentativa de aniquilar a prole da mulher negra, que não aparece como personagem se afirmando como centro de uma descendência, ou seja, é negada à personagem negra feminina a imagem de mulher-mãe, a qual é representada, na literatura, geralmente pelas mulheres brancas.

Quando acontece de a mulher negra ser representada como uma figura materna, geralmente ela é associada à figura da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos, deixando os seus em segundo plano.

Para Conceição Evaristo, essa não representação materna da mulher negra dentro da literatura brasileira representa o apagamento de uma matriz africana na sociedade brasileira, que ignora o importante papel da mulher negra na formação da cultura nacional. Um papel que a mulher negra vem exercendo desde a época da escravização, prevalecendo ainda nos dias de hoje.

Como podemos constatar, a comunidade negra sempre foi representada na literatura brasileira de forma negativa, cheia de estereótipos racistas, desprovida de voz e visibilidade, como seres inferiores aos demais. Na sociedade e na cultura brasileiras também não é diferente do discurso literário. A sociedade sempre mostrou um passado marcado por discriminações, em que o negro era visto e ainda continua a ser visto como alguém sem valor, um objeto apenas para servir o outro.

Na análise dos contos “Curso superior”, “Meu negro de estimação” e “Solar dos príncipes” procuramos demonstrar que essa cruel realidade ainda prevalece na nossa sociedade. Por meio dos personagens de Marcelino Freire, veremos que ainda há uma população vivendo à margem da sociedade, composta na sua maioria por negros, vítima de um sistema que reina desde a época escravocrata e que parece não ter um fim.

2 Olhares críticos sobre a representação do homem negro em Marcelino Freire

A seguir, faremos uma leitura crítica dos contos “Curso Superior”, “Meu negro de estimação” e “Solar dos príncipes”, do livro *Contos Negreiros*. Nosso objetivo é mostrar que esses contos, por mais que sejam narrativas fictícias, remetem o leitor a diferentes representações do homem negro inserido em distintos contextos sociais, históricos e culturais, que permitem uma reflexão sobre a sua condição de subalternidade na sociedade.

A partir de uma perspectiva entre literatura e sociedade, mostraremos que, assim como os personagens de Marcelino Freire, também há uma população negra que sofre uma exclusão racial no Brasil, dia a dia, que grita desesperadamente por socorro. Apresentaremos, a partir dos contos analisados, uma leitura que evidenciará a desigualdade social gritante, em que o descaso em relação a esses personagens pertencentes a uma classe social inferior se confunde com a vida real, sofrida, triste, de muitos brasileiros, marginalizados e inferiorizados, que não possuem voz e visibilidade dentro de uma sociedade que se mostra cada vez mais intolerante com essa camada da população, principalmente quando ela é pobre e preta.

2.1 “Curso superior”

Esse conto inicia-se com um jovem negro questionando sua mãe sobre os anseios que teria ao entrar na faculdade. Ele vê a instituição não como um lugar que lhe agregará conhecimentos e formação, mas como um ambiente que evidencia as injustiças praticadas por uma sociedade preconceituosa e racista. Ele demonstra insegurança pelo fato de ter que frequentar os mesmos lugares em que prevalecem pessoas de uma classe social privilegiada.

O personagem fala das dificuldades que encontrava nas disciplinas da escola, o que nos leva a entender que ele, assim como muitos jovens brasileiros, pobres, negros, esquecidos no limbo da sociedade, não teve e não tem acesso a uma educação escolar de qualidade. Todos esses direitos negados se devem a vários fatores, como a pobreza, a exclusão social, a falta de oportunidades pelo fato de serem negros, ou, até mesmo, porque foram obrigados a começar a trabalhar desde cedo para ajudarem no sustento da família, dificultando assim a vida escolar, ou fazendo com que deixem os estudos para trás.

O personagem também demonstra angústia e acha que será cobrado pelo professor da faculdade mais que os outros alunos, que provavelmente são brancos. Nessa parte da

narrativa, fica claro que o negro teria que sempre se mostrar melhor que os outros, como forma de compensar a cor da pele.

O conto representa o negro, assim como no cotidiano da vida real, se vendo inferiorizado, hostilizado, não aceito pela sociedade, não podendo se misturar com o branco, como vemos no trecho a seguir:

O meu medo também é do pai da loira gostosa e da mãe da loira gostosa e do irmão da loira gostosa no dia em que a loira gostosa me apresentar para a família como o homem da sua vida será que é verdade será que isso é felicidade hein mãe não sei. (FREIRE, 2005, p. 97-98).

Nesse conto também fica claro que a mãe, assim como várias outras mulheres negras brasileiras, aceita e se vê como inferior dentro da sociedade, e ela tenta passar isso para o filho, quando ela diz que ele, sendo negro, deveria se colocar no seu lugar, não se misturando com o branco, não arrumando uma namorada loira. Vejamos:

O meu medo é a loira gostosa ficar grávida e eu não sei como a senhora vai receber a loira gostosa lá em casa se a senhora disse um dia que eu devia olhar bem para a minha cara antes de chegar aqui com uma namorada hein mãe não sei. (FREIRE, 2005, p. 97).

O jovem também se pergunta se a situação pode piorar para ele, pelo fato de ser negro e viver em uma sociedade extremamente racista. Ele questiona que o tom da pele pode ser um empecilho e devido a esse motivo, ele pode não conseguir nenhum tipo de emprego, mesmo sendo uma ocupação subalterna, considerada como inferior pela sociedade, que não exige tanto estudo, como, por exemplo, faxineiro, porteiro ou ajudante de pedreiro.

O conto também aborda sobre o papel do governo em relação às políticas públicas voltadas para a população negra. No caso em questão, é citado que o governo já fez a parte dele, ou seja, o governo não quer carregar a culpa pelo fato de o negro não conseguir as mesmas oportunidades que outros, não negros, o que fica evidente no seguinte trecho:

O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei. (FREIRE, 2005, p. 98).

Ao final do conto, percebemos que o destino do jovem seria a prisão, quando ele diz que estaria andando por aí sem emprego (FREIRE, 2005, p. 98). Dessa forma, ele seria um alvo fácil, assim como vários jovens negros no país, que carregam o estereótipo de delinquente, ladrão, pelo simples fato do tom da pele. O personagem tem medo de ser abordado por um policial e com isso, pelo nervosismo que sentiria, cometer alguma imprudência. Ele ainda questiona se teria direito a uma cela especial, já que conquistou um curso superior, mesmo que alcançado com grandes dificuldades (FREIRE, 2005, p. 98).

De acordo com os dados mais recentes do *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN* (2014), houve um crescimento na população prisional durante o período de 1995 a 2010. Esses dados destacam uma grande problemática étnico-racial, quando se verifica, durante o período em questão, que a maioria dos presos são pessoas negras, ou seja, à medida em que a população carcerária cresce no Brasil, aumenta também o número de negros sendo presos.

O conto, por meio de seu personagem, vem expor essa brutal realidade brasileira, em que há um preconceito racial e social, a partir do qual a maioria das pessoas presas é constituída por negros, sendo que muitas vezes o delito cometido é considerado mais leve que o de um branco. Porém, como se trata de um negro, que vem carregando há séculos essas marcas de uma herança escravocrata, de dor, sofrimento e injustiças, sua pena é superior, e isso tem sido encarado pela sociedade como algo normal.

2.2 “Meu negro de estimação”

Nesse conto, o próprio título já faz menção à época da escravidão, dando a entender que o narrador do texto, provavelmente um branco, tem a posse desse homem negro, como se fosse um objeto ou um animal de estimação, o que acontecia com os escravos na época do Brasil colônia, época em que os negros eram tratados como objetos, mercadorias de troca e venda.

Esse poder de posse que o narrador demonstra ter sobre o homem negro mostra a superioridade do branco e fica mais evidente no seguinte trecho: “Meu homem agora é um homem melhor. Mora nos jardins, veste e calça. Causa inveja por onde passa. Meu homem não tem para ninguém, só para mim. Meu homem se chama Benjamim” (FREIRE, 2005, p. 101). Nesse trecho, fica evidente a relação de posse e o poder sobre o negro, quando o narrador diz que seu homem não tem para ninguém, mas só para ele, ou seja, ele faz o que bem quer com o homem, já que é o seu negro de estimação.

O narrador também inferioriza, desvaloriza algumas ocupações, na maioria das vezes exercidas por negros, ao dizer que o seu homem não trabalha mais, não precisa se sujar de borracha ou feder a graxa. O conto deixa claro que o homem negro não entende de assuntos da atualidade, assuntos complexos, expondo assim um estereótipo de que o negro não tem cultura letrada, não tem informação, ou desvalorizando a cultura afro-brasileira, quando ele diz: “Se não entende de poesia, não fala. Quando o assunto é política, sai da sala” (FREIRE, 2005, p. 101).

O discurso do narrador inferioriza a cultura afro-brasileira, mostrando que os costumes etnocêntricos estão à frente da cultura negra. Isso, claro, quando o narrador tenta afastar o negro de sua cultura afro-brasileira, de seus costumes vindos juntamente com sua origem ancestral: “Meu homem é uma outra pessoa. Não quer mais saber de samba. Nem de futebol. Não gosta de feijoada” (FREIRE, 2005, p.101-102).

Há uma tentativa de fazer o negro assimilar outra identificação, que não seja a sua, aquela que foi herdada por seus ancestrais. Isso fica claro no trecho a seguir: “Meu homem conhece o mundo inteiro. Meu homem mudou de ares, trocou de cheiro” (FREIRE, 2005, p. 101).

O narrador exalta a beleza do seu homem negro, falando sobre sua aparência, sobre seu corpo, seu peito, referindo-se com isso à erotização e ao exótico, acrescentando que ele leva jeito até mesmo para ser modelo. Mas ao mesmo tempo, o narrador deixa bem claro esse domínio do branco em relação ao negro, ao dizer que ele coloca um cabresto em seu homem: “Coloco, assim, um cabresto. Para ele não me deixar tão cedo” (FREIRE, 2005 p. 102). Vale lembrar que o cabresto é uma espécie de correia feita de corda ou couro, usada para controlar a marcha de animais como o cavalo, por exemplo. Dessa forma, mais uma vez, refere-se ao negro como um animal, assim como era visto na época do Brasil colônia e ainda se vê nos dias de hoje.

Ainda sobre esse cabresto de que o narrador fala, percebemos que há um significado que vai além de um simples objeto. No caso do conto em questão, esse objeto também representa, em relação ao personagem, a submissão por outros modos, incluindo também o financeiro e o sexual, de certa forma. Ou seja, é um objeto que representa uma certa ideologia de poder, o poder que o branco teria sobre o negro.

No conto em tela, a todo o momento, é negada a voz ao homem negro, assim como ela é negada a vários negros no país. Em nenhum momento o negro se impõe, aparece com algum discurso. Ele é representado segundo a visão do outro, no caso, o narrador, que é branco, que deixa bem claro que nessa relação homoerótica, é ele, o homem branco, quem comanda e dita as regras, quando diz: “Meu homem me obedece e me respeita” (FREIRE, 2005 p. 102).

Percebemos um discurso fortemente enraizado, em que esse grupo social, composto por essa comunidade negra, inferiorizada, é visto, ainda nos dias de hoje, por uma sociedade preconceituosa, somente como um objeto, e jamais como sujeito de seu próprio discurso, pois “[a] linguagem circulante em torno à escravidão é, evidentemente, a do dominador, já que o dominado, o africano, não dispunha de linguagem prestante para descrever a situação em que se encontrava” (SIMON, 1996, p. 16).

2.3 “Solar dos príncipes”

Esse conto inicia-se com quatro homens negros e uma mulher negra, provavelmente jovens, chegando a um prédio de classe média alta, localizado em um bairro nobre, com o objetivo de fazer um documentário sobre a vida desses moradores ricos, que possuem dinheiro, carro e uma vida de classe média. Porém, ao chegarem, eles se deparam com um porteiro, que também é negro e que tem uma reação que os jovens não esperavam. O porteiro demonstra medo ao ver os jovens negros, conforme vemos a seguir: “A primeira mensagem do porteiro foi: ‘Meu Deus!’ A segunda: ‘O que vocês querem?’ ou ‘Qual o apartamento?’ ou ‘Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?’” (FREIRE, 2005, p. 23).

Por meio dessa atitude do porteiro, há uma mensagem que é transmitida há tempos, e atualmente pelos discursos sociais e pela mídia, de que o negro é visto pela sociedade como inferior, como ladrão, tal como percebemos na leitura do conto. O porteiro não vê os jovens com bons olhos, pois ele está inserido em um ambiente, no caso, o prédio onde trabalha, onde predominam pessoas brancas, que provavelmente desprezam e inferiorizam pobres e negros. Dessa forma, o porteiro do prédio, mesmo sendo negro, se espelha nessa sociedade preconceituosa e racista e age como tal em relação aos jovens que queriam entrar no prédio apenas para fazerem um documentário.

O porteiro ainda inferioriza os jovens ao questionar que ainda não consertaram o elevador de serviço. Esse discurso vem reforçar mais um estereótipo em relação ao negro, algo que é transmitido pela sociedade, na qual o negro é visto ocupando apenas empregos inferiores ou subempregos. O porteiro acha que os jovens são operários ou coisa do tipo e que foram provavelmente prestar algum serviço no prédio.

Os jovens respondem ao porteiro que estão lá para fazer um filme, um documentário. Eles falam que estão filmando, aí mais uma vez o porteiro vem com o estereótipo que fizeram sobre o negro, em que é tido como ladrão, como vemos na passagem a seguir: “Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco,

médico, advogado” (FREIRE, 2005 p. 23).

Nesse discurso do porteiro, fica evidente a discriminação e o preconceito racial que prevalecem na sociedade brasileira contemporânea e que têm se espalhado por meio dos discursos racistas, seja nas redes sociais, na mídia ou no dia a dia de qualquer pessoa negra.

O porteiro pergunta aos jovens de onde eles são e eles respondem que são do Morro do Pavão e que querem gravar um longa-metragem. Logo o porteiro associa a palavra longa-metragem a metralhadora, moradores do morro, favela, ou seja, o velho e preconceituoso discurso de que quem mora no morro, na favela, na comunidade, é gente que não presta, é ladrão, bandido, traficante, qualquer outra coisa, menos pessoas de bem. O porteiro se mostra desesperado com essa situação e não sabe o que fazer.

A ideia dos jovens era entrar em um apartamento sem avisar, e poder filmar como os moradores que possuíam dinheiro viviam, como era viver com piscina, carros, como passavam seus fins de semana, já que era um domingo. Os jovens ainda questionam que o pessoal, ou seja, a elite, os ricos, viviam indo no morro para fazerem documentários sobre os moradores de lá, e eles, os negros, pobres, favelados, os recebiam de peito aberto, com boa vontade, e por que agora, eles também não podem ser bem recebidos para poderem fazer o seu filme, seu documentário.

Depois de toda essa confusão que se instalou com a chegada do grupo à portaria do prédio, o porteiro começa a interfonar para vários apartamentos, com a intenção de chamar a atenção dos moradores, dizendo que estava sendo assaltado e para ligarem para a polícia, pois ele já não sabia o que fazer.

Os jovens ainda dizem que não só ouvem samba, outro estereótipo relacionado ao negro, pois a sociedade rotula que pelo fato de ser negro tem que, obrigatoriamente, ouvir e saber dançar samba, já que se trata de um ritmo de origem africana, trazido pelos negros quando vieram como escravos para o Brasil.

Por fim, o porteiro diz que irá chamar a polícia, e os jovens se veem frustrados, dizem que polícia não é uma boa notícia. Reclamam devido ao esforço que fizeram para estarem ali em um pleno domingo, tendo que deixar família e outros afazeres para depois. Um dos jovens começa a filmar e logo em seguida se inicia um tumulto. Com isso, alguns moradores curiosos começam a aparecer na sacada.

Então, ouve-se barulho de sirene da polícia, e tudo indica que houve violência por parte dos policiais: “A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro” (FREIRE, 2005, p. 26). Dessa forma, os jovens negros, que foram ao prédio de um bairro nobre, a fim de fazerem um documentário, já que pessoas brancas fazem o mesmo indo aos morros e favelas, foram expulsos com tiros disparados pela polícia.

Nesse conto, fica claro o estereótipo sofrido pelo negro, pois a sociedade o rotula como bandido, ladrão, violento, perigoso. Percebemos a frustração dos jovens que não alcançaram seu objetivo, que era fazer um filme, um documentário sobre a vida dos ricos. Frustrações que são vivenciadas pela comunidade negra no seu dia a dia, em uma sociedade contemporânea que se mostra cada vez mais racista e intolerante ao negro e ao pobre. Um convívio de exclusão social que foi herdado desde a época da colonização do Brasil e que ainda em pleno século XXI tem prevalecido. Uma exclusão que cada vez mais tem deixado o negro à margem da sociedade.

Considerações finais

A partir da leitura dos contos de Marcelino Freire, do livro *Contos Negreiros*, constatamos que há vários elementos que nos remetem às condições sociais, culturais e históricas experimentadas pela população negra. São histórias que representam a vivência de uma parcela da sociedade que vive em total exclusão, composta em sua maioria por pobres e negros, aos quais são negados seus direitos, visibilidade e voz dentro da sociedade.

Mesmo com a abolição da escravidão no Brasil, os negros ainda carregam como herança desse período o preconceito racial, o qual foi construído há séculos, desde a chegada dos primeiros negros vindos do continente africano. Ainda prevalecem na sociedade brasileira contemporânea o racismo e a intolerância perante essa população composta por pobres, negros e moradores de comunidades carentes.

Os contos de Marcelino Freire dão visibilidade e voz a esses sujeitos esquecidos, rejeitados, jogados na sarjeta, vivendo à margem da sociedade, considerados como delinquentes. Os contos mostram que em pleno século XXI, a injustiça prevalece no meio desse povo renegado, que ainda é visto como inferior, e até mesmo como animais ou objetos.

Esses personagens de Marcelino Freire vêm representar toda a comunidade de negros, pobres, carentes, com suas frustrações, angústias e anseios. Uma comunidade que grita, desesperadamente implorando por socorro, uma comunidade que chora por seus entes queridos mortos diariamente.

A análise desses contos possibilita uma reflexão sobre o papel do negro dentro da sociedade, a sua importância e sua contribuição para a formação do Brasil de hoje. Sendo assim, é preciso que haja uma conscientização acerca de toda essa exclusão racial que esse povo, marginalizado, vem sofrendo ao longo da história do Brasil.

É preciso que haja debates e discussões dentro das instituições de ensino sobre o

tema e também uma proposta de políticas públicas para que possa haver uma conscientização de que a cor da pele não difere ninguém, e que o negro, assim como o branco, merece ser respeitado e ter o seu lugar de fala reconhecido pela sociedade.

Referências

- ANDREWS, George. *América afro-latina: 1800-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CUSTÓDIO, Túlio. *Negro drama*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negro-drama/> Acesso em: 29 fev. 2020.
- CUTI, Luiz. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria (org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Mazza Edições, 2002, p. 19-36.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: UNB, n. 31, p. 87-110., jan./jun. 2008.
- DIEESE. *Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos*. Boletim DIEESE: Edição Especial, nov. 2003.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.
- FERRAZ, Flávia. Testemunho e oralidade nos contos de Marcelino Freire: um olhar além da violência. *Terra Roxa e outras terras*, Londrina, v. 15, p. 28-35, jun. 2009.
- FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. São Paulo: Record, 2005.
- GELEDES, INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/masculinidade-negra-ser-homem-negro-no-brasil-e-conviver-com-uma-serie-de-estereotipos-que-envolvem-genero-raca-e-classe-social>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). *Atlas da Violência 2016*. Nota técnica n. 17. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/atlas-da-violencia-2016>. Acesso em: 20 maio 2017.

LOVELL, Peggy. Raça, classe, gênero e discriminação salarial no Brasil. *Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 85-98, set. 1992.

MOURA, Tatiana Whately de; RIBEIRO, Natália Caruso Theodoro. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN 2014*. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Brasília, 2015.

SANTOS, Daniel. *Na cama com o super negão: masculinidades, estéticas, mitos e estereótipos sexuais do homem negro*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negro-drama/>. Acesso em: 1º mar. 2020.

SIMON, Maria. *O falar da escravidão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SOUZA, Neuza. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

WOOD, Charles; CARVALHO, José. *A demografia da desigualdade no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 1994.

MARCOS TÚLIO PEREIRA DE JESUS

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4348395243391660>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7831-1146>

E-mail: marcostpj@gmail.com

FLÁVIO PEREIRA CAMARGO

Professor Associado de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5015485726957185>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9116-2432>

E-mail: flaviocamargo@ufg.br